

Ilustração Portugueza

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTÍSTICO: Francisco Teixeira

Assinatura para Portugal, colónias e Espanha Assinatura conjunta do Século, do Suplemento Humorístico do Século e da Ilustração Portugueza

Assinatura para Portugal, colónias e Espanha	4\$800	Assinatura conjunta do Século, do Suplemento Humorístico do Século e da Ilustração Portugueza	8\$000
Ano.....	28\$400	Trimestre.....	4\$000
Semestre.....	1\$900	Mes (em Lisboa).....	700

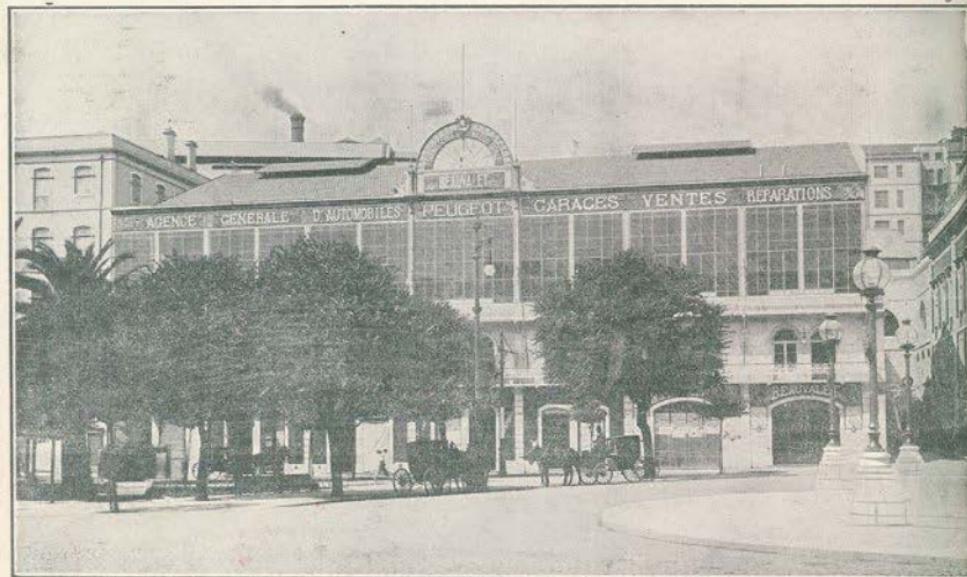
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: O EX-PRESIDENTE DO BRASIL. **Texto:** O PINTOR MALHOS, 1 illust.—EXPOSIÇÃO DE ROSAS, 3 illust.—A SOCIEDADE SILVA PORTO, 4 illust.—EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA, 12 illust.—O SR. INFANTE D. AFFONSO EM MADRID, 2 illust.—O BAPTISMO REAL, 3 illust.—O SENHOR DE MATTOSINHOS, 3 illust.—A NOBREZA E A ARTE EM PORTUGAL, 13 illust.—O DR. RODRIGUES ALVES EM LISPOA, 12 illust.—DEDICAÇÕES, 4 illust.—A MILHA OFICIAL NO PORTO DE LISPOA, 7 illust.—O COMÍCIO, 16 illust.—A NOSSA TERRA, 2 illust.—VISITA D'EL REI A LANCEIROS, 2, 6 illust.—D. CESAR DE BAZAN, 1 illust.—LUCTUOSA, 5 illust.

A mais importante casa de automóveis em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMÓVEIS.

PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Livro de ouro da mulher

A mulher medica de sua casa

Livro de hygiene e medicina familiar, indispensavel em todas as casas
Premiado na exposição de Leipzig de 1904

Pela Doutora ANNA FISCHER DUCKELMANN

Traduzido e adequado pelo Dr. ARDISSON FERREIRA
Medico da Santa Casa da Misericordia de Lisboa

OBRA PUBLICADA COM GRANDE SUCESSO NA ALLEMANHA, FRANÇA, HOLLANDA,
ITALIA, RUSSIA E HESPAÑA

Centenares de gravuras

Chromos Lindissimos

CENTENARES DE GRAVURAS — LINDISSIMOS CHROMOS

Fascículos de 16 páginas **60 réis**, Tomo de 80 páginas **300 réis**

Pedidos
á antiga

CASA BERTRAND

73, R. Garrett, 75
LISBOA



PARA completar a documentação gráfica do artigo que a *Ilustração Portuguesa* inseriu no seu numero anterior sobre os pintores portugueses e brasileiros que concorreram ao Salão de Paris d'este anno, damos hoje o retrato do illustre pintor Malhoa e uma repro-

Sobre o merito do trabalho do distinto artista, cuja prestigiosa reputação está de há muito estabelecida e n'este seu novo trabalho tão brillantemente se confirma, nada precisamos accrescentar ao depoimento lisonjeiro do nosso collaborador parisiense



O quadro de Malhoa: *Les Ivrognes*

ducção photographica do seu magnifico quadro *Les Ivrognes*.

sobre a forma por que elle foi apreciado pelos visitantes do Salón.

A EXPOSIÇÃO DE ROSAS PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO



M AIO é o mez de Flora, e por isso consagrado tradicionalmente ás exposições hortícolas. Este anno, enquanto Lisboa se esquecia, o Porto teve a sua exposição de rosas, em que a rainha das flores se exhibiu em toda a sua gloria e triunfo, cercada das outras plantas da estação, entre as quaes destacavam as azaleas magnificas. Como é costume já de ha annos, ao lado das flores naturaes apresentaram-se tambem imitações artísticas em céra, tão curiosas como a que a nossa estampa reproduz.



Um aspecto da nave central do Palacio—Um jantar completo... em céra, com a mesa decorada de flores de céra tambem, exposto por mademoiselle Sousa Garcez—O sr. Alfredo Moreira da Silva, que obteve o premio de honra dos horticultores, e seus dois filhos, junto do grupo de azaleas que exponz—(Clichés de Aurelio da Paz Reis, do Porto)



A SOCIEDADE SILVA PORTO NAS SALAS DA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

OS QUATRO EXPOSITORES

A EXPOSIÇÃO da Sociedade Silva Porto, feita este ano no salão da *Ilustração Portugueza*, foi um verdadeiro e legítimo sucesso em que os quatro artistas expositores, vieram, tres d'elles revelar ao público que os seus progressos continuam, e o quarto, novo ainda e alumno de paisagem da Escola de Bellas-Artes, testemunhar eloquentemente



João de Mello Falcão Trigoso
—Arthur Alves Cardoso

com a sua obra que é um temperamento raro e requintado. De Falcão Trigoso, Alves Cardoso e Antonio Saude, o maior elogio está feito nos trabalhos d'estes artistas, executados até hoje; José Campas deve ser, num futuro muito próximo, um dos nossos melhores e mais illuminados paizagistas. Assim, os que com tanto relevo trabalham sob a egide gloriosa de Silva Porto deixam entrever a cariciosa esperança de poderem ser um dia continuadores brilhantes do insigne mestre paizagista.



Antonio Saude

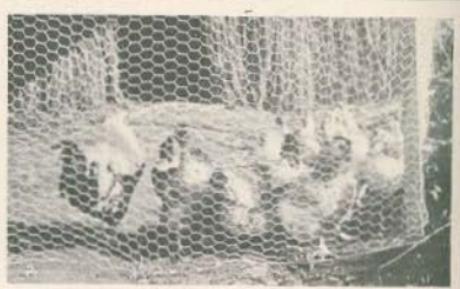
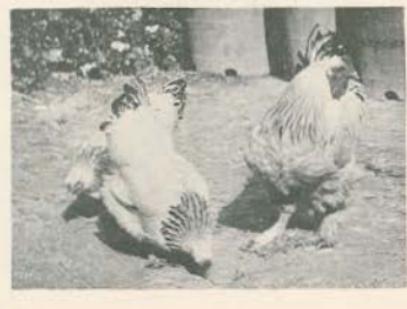
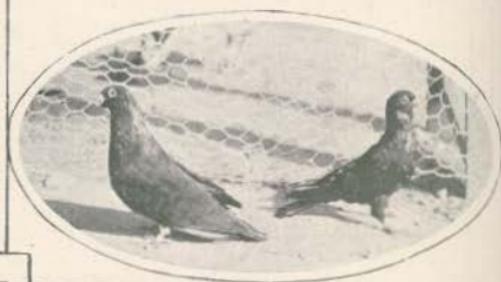


José Campas

EXPOSIÇÃO
DE
AVICULTURA
NO
PARQUE
EDUARDO VII



S. M. a Rainha visitando a exposição
—Faisão da Mongolia (macho) da sr.^a D.
Luiza Cardoso. (Medalha de ouro)
—Faisão da Mongolia (femea) da sr.^a D. Luiza
Cardoso. (Medalha de ouro)
—Pombos marioias, do sr. J. Marques
da Silva. (Medalha de ouro)



Outro casal de pombos marioias do sr. J. Marques da Silva — Gallinhas Brahma claras, do sr. Carlos Pinto Coelho.
(Medalha de ouro) — Gallinhas Faverolle



Cochinchinas perdizes dos srs. Thiago e Barguen. (Medalha de ouro)

Brahmas claras, adquiridas pelo sr. conde de Sabrosa

Cochinchinas brancas, do sr. Alfredo Baptista (Medalha de ouro)

Um casal desavindo.

Grupo de gallinhas Faverolle, do sr. conde da Ribeira Grande. (Medalha de ouro)

Perus cintozinhos, do sr. conde da Ribeira Grande. (Menção honrosa)

Um pequeno passeio em liberdade

O SR. INFANTE D. AFFONSO T. CORONEL DO EXERCITO HESPAÑOL.

Em outra pagina d'este numero reproduzimos uma photographia do sr. infante D. Afonso passeando de carruagem com o rei de Hespanha, em Madrid, por occasião de ter ido ali representar sua magestade El Rei no baptizado do principe herdeiro.

Depois do banquete realizado no paço real, oferecido aos príncipes estrangeiros, o duque de Hornachuelos, que estava ás ordens do sr. infante D. Afonso, entregou a sua alteza o decreto nomeando-o tenente coronel honorario do batalhão de caçadores de Madrid.

No dia seguinte, o sr. D. Afonso visitou o quartel de La Montaña, onde está o batalhão



O tenente-coronel do batalhão recebendo as ordens do sr. infante D. Afonso

de caçadores de Madrid, que formou na parada para a cerimônia solene da investidura do príncipe português no cargo de seu tenente coronel honorário.

O batalhão executou varias evoluções, sob o commando do tenente coronel Jaramillo, terminando pela continencia militar. Sua alteza, depois de elogiar a forma precisa e brilhante com que todos os exercícios foram executados, visitou detidamente as dependências do quartel, e em seguida, por expresso desejo seu, tomou por sua vez o comando, fazendo manobrar as forças.

Como recordação d'esta visita foram tiradas varias photographias do batalhão e da sua oficialidade, para serem oferecidas ao sr. D. Afonso.



O batalhão desfilando diante do sr. infante D. Afonso e do capitão-general de Madrid, sr. Villar y Villate—(Clichés de Goñi, Madrid)

O BAPTISADO DO PRÍNCIPE DAS ASTURIAS



D. LUIS RUBIO
Y GANGA
Rei d'Armas

EL REI
D. AFFONSO XIII

CONDESSA VIUVA DE
LOS LLANOS
Aia do Príncipe

RAINHA D. MARIA
CHRISTINA
Madrinha do Príncipe

MONSENHOR RINALDINI
Padrinho representando
o Papa

CARDEAL SANCHÁ
Que ministrou
o sacramento

CARDEAIS E BISPOS
HESPAÑOES
Que assistiram à cerimónia

(Cliché do Nuevo Mundo,
de Madrid)



FESTAS
POPULARES
DO NORTE

A ROMARIA
do SENHOR de MATOSINHOS



Experimentando os instrumentos de barro — A louça de barro — Descendo as escadas do adro
(Clichés de Aurelio da Paz Reis—Porto)

A NOBREZA E A ARTE EM PORTUGAL

Em Portugal a Arte tem sido uma planta mimada a que reis e nobres não desdouram de consagrar os mais queridos dos seus ocios e o mór cuidar dos seus cuidados.

A Arte tem em Portugal uma brilliantissima genealogia de cultores, uma longa lista de reis, príncipes e vassalos ilustres, tão longa e tão brilhante como a não terá talvez corte alguma da Europa. Se esfiamos a galeria dos seus dynastas, já aqui o dissémos, encontraremos um sábio e dois poetas: — D. Duarte, D. Diniz e D. Pedro.

Mas ainda ha mais sangue real a ungir essa planta que ainda havia de fructificar n'um Camões ardente e namorado, n'um sonhador como o Bernardim e n'um descarado como o Gil Vicente. D. Pedro d'Alfarrobeira, D. Luiz e D. Pedro irmão de D. Duarte, D. João IV, D. Pedro V, D. Luiz, D. Fernando e D. Carlos, e está completa a série brilliantissima dos artistas de sangue real.

A nobreza tem grandes afinidades com a Arte. Isto faz-se sentir não só na arte portuguesa, mas na pintura, na literatura, na arte mundial. Afonso de Hespanha foi, e não sem razão, cognominado o *sábio*. Byron foi, como se sabe, *lord*, lord Byron. Tolstoi é conde. Pardo Bazan, a tão querida e popular escriptora da vizinha Hespanha, é condesa. Agora acrecenta-se a condesa Gyp, a condesa de Noailles, escriptora fallada e distinta, e a baroneza de Sutternner, a quem ainda ha pouco pelo seu livro *Abaixo as armas!* o Instituto Nobel conferiu o premio do mesmo nome.

Se regozijarmos aos nossos avós veremos os nomes de Perpignan, autor da *Didan*, e da marquezza du Chatelét, que commençou a obra de Newton e que tão admirada foi por Voltaire. E, a continuar-



D. Pedro V

mos, seria um nunca acabar de reis, condes, duques e marqueses que se dedicaram ao cultivo das artes. Isto dos que resa a Historia é.

Hoje nas cortes da Europa uma rainha ha que é escriptora ilustre e cujo nome como novelista é bem maior que o de rainha: É Carmen Silva, a rainha da România. A sua universalidade deve-a unicamente aos seus livros, às paginas maravilhosas que escreveu e às scenas que tão sentidamente soube crear.

II

Começaremos pois por D. Diniz, rei poeta auctor do *Cancioneiro* do seu nome e fundador da Universidade. D. Diniz foi um poeta amoroço e os seus motivos são simplesmente queixas de amor feitas para cantar.

«Porque mentio o perjurado,
Pesa-me que mentio per seu grado,
Ay, madre, moyro d'amor!»

Assim se poetava no tempo do rei Lavrador. A canção de que transcrevemos este terceto passa por ser uma das melhores joias da producção do poeta. E o que no entanto se infere da vida de D. Diniz é que ele soube ser poeta e soube ser rei e de tal maneira a Historia de tudo isto se lhe refere com louvor, hemmercedendo o epitaphio de Antonio Ferreira¹, que é o justo sumário da sua vida e o maior elogio do seu reinado:

«Quem é este de insignias diferentes,
sceptro, e pião, e livro, e espada, e arado?
Este foi paz de Reis, e amôr das gentes.
Grande Diniz, Rei nunca assaz louvado.
Outros foram n'hua só coisa excellentes:
este com todas nobreza seu estado,
regeu, edificou, lavrou, venceu
Honrou as musas, poetou e leu.»

A este «grande Diniz» que «honrou as musas, poetou e leu» sucedeu, na poesia, aquelle Pedro que a Historia cognominou de *Cruel ou Justicero* e que, segundo o seu chronista, era «muito gago», «grande caçador e monteiro», «muito viajante, sem ser mais comedor que outro homem» e que «amava muito de fazer justiça

¹ Antonio Ferreira — «Poemas Invitanos».

com direito¹. «E era ainda tão zeloso de fazer justiça, e especialmente dos que travessos eram, que perante si os mandava meter a tormento, e se confessar não queriam, elle se desvestia de seus reaes paunos, e por sua mão acutava os malfeiteiros»². Ora, apesar dos seus tigrinos fígados, D. Pedro era poeta e grande poeta por signal. Os seus versos mesmo transportados para o tempo de hoje são ótimos, magníficos versos. Quem não sabe odiar não sabe amar. Ora D. Pedro, se mostrou que sabia odiar, também mostrou que sabia amar. A Historia põe em foco sómente o seu lado feroz, que o levou a arrancar o coração aos matadores da «linda Ignez», mas esquece o seu lyrismo apaixonado, a candescência das suas estrophes e o arroubo vibratil da sua paixão. Grandes homens os d'aquellas eras, em que a mentira e a polidez não eram para o mundo uma vasta capa de ladrões. Vejam-se os versos que elle dedicou a D. Ignez de Castro, de que damos um excerto, e digam-nos se hoje qualquer poeta os faria mais sentidos, mais repassados de funda magua, mais tocados de ardente indignação:

Senhora, quem vos matou
Seja de forte ventura
Pois tanta dor e tristura
A vós e a mi causou.

Ob crueldade tam forte
E injustiça tamana!
Vio-se nunca em Espanha
Tam cruel e triste morte?

Contar se he per meravilha:
Minha alma tam verdadeira:
Pois morreis d'esta maneira,
Eu serei a torturilha
Que lhe morre companheira.

Hi Senhora descansada,
Pois que vos eu fico quaa.
Que vossa morte sera
(Se eu viver) bem vingada.
Per isso quero viver,
Que se per isso nom lora,
Melhor me fora. Senhora,
Com vosco logo morrer.

Sangue do meu coraçãom
Ferido coraçãom meu.
Quem assi per esse chom,
Vos espargiu sem razom?
Eu lhe tirarei o seu.

Não são lindos versos estes? Guerra Junqueiro queixa-se, no prefacio da Morte de D. João, que os poetas são

geralmente mentirosos... em verso. Aqui está, porém, um poeta que versa... e cumpriu. Ah! bem cumpridos foram aquelles versos

«Que vossa morte sera
(Se eu viver) bem vingada.»

D. Pedro tem mais versos e o seu lyrismo também é muito apreciável. E d'elle tambem a seguinte quadra «A huma Senhora»:

«Mays dyna de ser seruida
que senhora d'este mundo,
vos soes o meu deos segundo,
vos soes meu bem d'esta vida.»

Como se vê, D. Pedro não foi só *Cruel*, foi tambem apaixonado. E talvez d'elle ser tão apaixonado que lhe vem a grande affeção pelas danças e folguedos em que elle buscava a embriaguez do que em sua alma trazia de tristonho. Sim, deve ser essa a razão porque elle «foi muito afieitoado a Danças e festas, em as quais elle mesmo se achava muitas vezes: — e deleitava-se tanto d'ellas, que — quando vinha d'Almada para Lisboa — os nobres da cidade, por ordenado costume, o saliam a receber com muitas danças, e jogos

alegres e apraziveis, com que elle ia pela cidade até seus Paços.»

«Era isto n'elle tão natural, que algumas vezes — não podendo dormir de noite — se levantava da cama, e fazia levantar todos os homens da sua guarda; e ao som d'umas trombetas de prata, de que muito gostava, se ia pela cidade dançando, com muito prazer e alegria de todos os moradores d'ella.»¹

Quem sabe se aquella folgança não encobriria intimos pezares, e se aquelle semblante empederido não mascarava a alma commovida e boa d'esse

«Pedro, que amores teve co'a justiça
— Real e não cruel inclinação»

segundo disse Sá de Miranda, na sua *Elegia á morte do Príncipe D. João*? Os seus versos estão no *Cancioneiro de Rezende* e d'elles se fez uma separata de 200 exemplares em 1878 sob o título de *Canções de D. Pedro I, rei de Portugal, poeta do século XIV, filho de Coimbra*.

D. Duarte, a quem a Historia chamou o *Eloquente*, é o tipo de eruditão, e foi o primeiro collega coroado — seja isto dito sem modestia. Se não escreveu artigos para a *Ilustração Portugueza* é porque ao tempo esta ainda não existia. Mas escreveu o *Real Conselheiro* e a *Arte de calcular a toda a sela*, dois livros cheios de erudição e que demonstram no seu autor magnifi-



El-Rei D. Fernando Caricatura de Raphael Bordalo no *Album das Glórias*.



El-Rei D. Luiz (Caricatura de Raphael Bordalo no *Album das Glórias*)

¹ Fernão Lopes — «Chronica de El-Rei D. Pedro I».

² Idem, idem.

¹ Pedro de Mariz — «Diálogos».

ficas aptidões de escriptor, e um cerebro de estudioso e applicado.

Tambem a D. Affonso IV se atribuem poesias, assim como a seu irmão D. Affonso Sanchez, mas a sua importancia é menor que a de qualquer dos outros citados. N'esta serie de artistas de sangue real convém tambem não esquecer o nome de D. Pedro, conde de Barcellos, «filho natural d'El-Rei D. Diniz, havido em D.

Gracia, senhora da Ribeira de Sacavem», segundo diz o donto Inocencio, e que foi poeta distinto e linguista notavel. E' o auctor de um *Livro de cantigas* bastante apreciado e ainda mais raro. Foi casado tres vezes e morreu em 1354. «Dizem as chronicas antigas que era de estatura mais que agigantada, pois media 14 palmos e meio, isto é, noventa pollegadas (!!!). noticia que o abade Barbosa com a sua habitual ingenuidade nos transmite como certa e indubitavel. O *Nobiliario* que se lhe atribue, e de que existe no Archivo Nacional da Torre do Tombo uma copia que se julga do seculo XV, foi publicado na forma em que o dispuzera e coordenara João Baptista Lavanha.¹

O que o seu *Nobiliario* vale dí-lo Alexandre Herculano e o marquez d'Alegrete, o primeiro dizendo que «o livro de linhagem chamado do conde D. Pedro, é o livro não de um homem, mas sim de um povo, e de uma epoca; é uma especie de registo aristocratico, cuja origem se vai perder nas trevas que cercam o berço da monarchia...»; e o segundo asseverando que o seu auctor «é o mais antigo historiador que tem Portugal e o mais antigo e auctorizado genealogico (excepção feita dos sagrados) que tem o mundo eruditó.»

Chega a vez a D. Pedro, duque de Coimbra, infante de Portugal, quarto filho d'el-rei D. João I e de sua mulher a rainha D. Filippa, nascido em Lisboa aos 9 de dezembro de 1392. o real *globe-trotter* que andou as sete partidas do mundo em que se demorou doze annos e que veiu morrer afinal na batalha de Alfarrobeira. Foi tambem poeta, mas é como viajante que elle tem mais nome. As suas peregrinações, que correm impressas, são muito apreciadas e são um bello documento litterario da epoca.

Nos tempos antigos a poesia e a fidalguia davam-se como irmãs e quasi todos os poetas dos cancioneiros são fidalgos. Lí figura entre outros os condes de Alcoutim, D. Alvaro; de Borba, de Faro, de Marialva, de Portalegre, de Tarouca, de Villa Nova e de Vimioso.

Uma das filhas de D. Duarte, D. Catharina, traduziu do latim o livro «*Da perfeição da vida monastica e da vida solitaria: Dois tratados de S. Lourenço Justiniano*.

», impresso pela primeira vez em 1531 e pela segunda em 1791.

A sexta filha do infant D. Pedro, duque de Coimbra, D. Filippa de Lancastre, compoz tambem varios livros devotos e de meditação.

D. João III, o rei fanatico, fazia discursos que correm impressos e que não são destituídos de valor.

A corte de D. Manuel concorreu tambem muito para o desenvolvimento das artes em Portugal. A soberba pompa do rei magnanimo é o grau de fausto e engrandecimento a que tudo chegou n'essa era encantada, impulsionou todas as artes, que uma escolhida pleiade de senhoras do paço cultivava e ennobrecia.

Um dos filhos do *Venturoso*, o 6.^o, infante D. Affonso, que foi bispo de Evora, arcebispo de Lisboa e cardeal, trabalhou tambem com afinco nas «Constituições syndicais do arcebispado de Lisboa». Outro, o 7.^o, D. Henrique, compoz tambem as «Meditações e homilias sobre alguns mysterios da vida do nosso redemptor», que correm impressas.

Por ultimo, cita-se D. João IV, auctor da «*Defensa da musica*», e já dos tempos modernos, citam-se as cartas de D. Pedro V como modelos de litteratura epistolar, e apparece-nos a figura de D. Luiz, o traductor de Shakespeare, como um litterato de valia. D. Fernando foi um incorrigivel *bri-a-braguista* e as suas colecções, vendidas após a sua morte, provam quanto apurada era a sua visão de arte e quanto de conhecimentos, de eudição propria, não estava na juncção d'aquellas peças, que tanto trabalho déra, e que ali estavam patentando o espirito artístico do seu possuidor. Ao esifar esta longa lista de nomes chega-se aos nossos actuaes monarcas, ambos pintores distintos e ambos artistas de nome: O sr. D. Carlos pintor e erudito bem conhecido de todo o mundo artístico e a sr.^a D. Amelia a aguarelista distinta do *Pazo de Cintra* que o conde de Sabugosa tão bellamente redigiu.

Tres dos maiores vultos das nossas letras foram titulados. Estes tres viscondes celebres foram o visconde de Castilho, o de Almeida Garrett e o de Corréa Botelho (Camillo Castello Branco.)

Camillo Castello Branco, esse desventurado homem de genio, teve nos ultimos annos da sua vida a mania das genealogias, dos avoengos e dos titulos. E' contrastante de verdade e tipica a valer a conversa que Alberto Pimentel a tal respeito conta nos *Amores de Canillo*, conversa travada entre o escriptor e o mestre:

—Se eu fosse o ministro, teria introduzido uma innovação no seu titulo, meu querido mestre.

—Qual? perguntou Camillo.

—Agraciar-o-lia com o titulo de visconde Camillo Castello Branco. Assim, a mercê não eclipsaria um nome glorioso, antes lhe seria homenagem.

¹ «Nobiliario de D. Pedro, conde de Barcellos (sic) hija delrey D. Dionis de Portugal — Roma, 1640, publicado por esforços do marquez de Castello Rodrigo D. Manuel de Moura Corte Real, que se serviu de uma copia do mosteiro do Escorial.»



Marquesa de Alorna (Alcipe)



1.º duque de Palmella, D. Pedro de Sousa Holstein

Camillo não gostou e respondeu de prompto:
— Corrêa Botelho são appellidos nobres de
minha familia.¹

Deve tambem ser d'esta epocha a caricatura
celebre de Raphael Bordallo Pinheiro em que o
Camillo visconde manda expulsar por um lacaio
o Camillo homem de genio, caricatura cheia de
humour, de graça, de verdade caustica e amarga.

Camillo foi sevisor por
mercio de 18 de junho de 1883.

Castilho, o grande e mimítavel
Castilho, cego como Milton e como
ele poeta, foi outro dos viscondes
célebres que com Almeida Garrett
completa o numero. Almeida Garret
foi o tipo de *dandy* mais com
pleto do seu tempo. Tão *dandy* que
uma vez, diz-se, indo passar uns
dias de visita a casa de Herculano,
horrorisou o grande historiador com
não sei quantas carroçadas de ba
gagem da sua *todette*.

Referir-nos hemos agora aos no
mes, da nobreza, que mais se pren
dem com a arte em Portugal, sem
pretenções de estudo mas de sim
ples recordações e apontamentos,
e sem que estes obedecam a qual
quer ordem, quer de valorização,
quer cronologica, mas simples
mente a elles serem como as cere
jas: lembrar-se um nome e vir logo
meia duzia.

Principiaremos pois por D. Leo
nor de Noronha, filha de D. Fernan
do marquez de Villa Real. Formosa, rica e distinta, a
illustre titular deu-se ao trabalho improbo de traduzir
do latin a «*Cronica de Marco Antonio Cocio Sabelico*» e
dotou a nossa bibliographia com um dos mais raros
livros saídos de prelos portuguezes.

Tambem do latin traduziu e publicou a «*Paixão de Christo*» o 1.^o duque de Aveiro e marquez de Tor
res Novas, D. João de Lencastre.

A filha do duque de Caminha, D.
Maria de Lara e Menezes, depois casada
com o infante D. Duarte, irmão de
el-rei D. João IV, foi uma apreciada
e illustre poetisa, cujos versos foram
muito disputados no seu tempo.

O 3.^o conde de Penaguia, João Ro
drigues de Sá e Menezes, homem erudi
to e sabedor, publicou o seu volume
«*Últimas acções de el-rei D. João IV*»
nosso senhor; o 4.^o conde de Tarouca,
João Gomes da Silva, foi não só um
grande diplomata mas escriptor de me
reccimento; e de D. José Miguel João de
Portugal, 3.^o marquez de Valença e 9.^o
conde de Vimioso, que escreveu a «*Vida*
do infante D. Luiz», 1733, e varios
mas pequenos livros, diz Barbosa Ma
chado, «que compete a sublimidade da sua pena com
a soberania do heroe que elegeu para argüimento da
sua obra».

Ao 4.^o conde da Ericeira, D. Franciso Xavier de
Menezes, se deve «toda a expansão das academias litte
rarias da primeira metade do século XVIII.»¹ O conde

foi um optimo litterato e traduziu a *Arte Poetica*
de Boileau, para verso portuguez, o que lhe valeu
do seu auctor uma carta tão elogiosa como inter
essante. Publicou mais de 36 volumes sobre as
sumptos diversos. O 5.^o conde da Ericeira e 1.^o
marquez de Louriçal, D. Luiz de Menezes, deixou
tambem algumas obras de variada e copiosa eru
dição. Esta casa dos condes da Ericeira viveu

sempre em proximidade ás letras,
pois o 1.^o conde da Ericeira, D.
Diogo de Menezes, escreveu e im
primiu a *Vida de D. Henrique de*
Menezes, governador da India, im
pressa em Madrid em 1628; o 2.^o
conde, D. Fernando de Menezes,
escreveu e publicou a *Historia de*
*Tanger e a Restauração de Portu
gal*; o 3.^o conde, D. Luiz de Mene
zes, foi poeta e escriptor. A con
desa D. Joanna Josepha de Mene
zes, filha, esposa e mãe do 2.^o, 3.^o
e 4.^o condes, foi tambem poetisa e
escriptora de alto merecimento.

Do 8.^o conde de Vimioso e 2.^o
marquez de Valença, D. Franciso
Paulo de Portugal e Castro, que
foi escriptor distinto, basta para
se ajuizar do seu valor transcrever
de Innocencio Francisco da Silva
o seguinte trecho:

«O marquez de Valença é geral
mente respeitado pelos nossos phi
liologos criticos como um dos que
mais se approximaram dos antigos
classicos no tocante á pureza de lin
guagem, e gravidade no estylo. D. Thomaz Caetano
de Bem diz d'elle por palavras formaes: «Falu com
notavel elegancia e propriedade a nossal lingua, bebendo
nas obras do incomparavel Vieira o estylo e pureza de
idioma, que se acha nos seus discursos.»

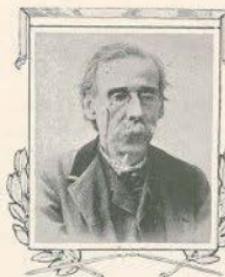
Do 4.^o conde de S. Vicente, João Nunes da Cunha,
que escreveu alguns opusculos, dizia D. Franciso de
Mel'o, referindo-se-lhe á obra litteraria,
«que, sendo pequena, fazia competencia
a todos os grandes livros.»

O 4.^o conde de Villar Maior e 3.^o
marquez de Alegrete, Manuel Telles da
Silva, deixou-nos um interessante e
curioso livro intitulado *Historia da Aca
demia Real da Historia Portugueza*. O
seu successor e homonymo, 6.^o conde de
Villar Maior e 2.^o marquez de Pe
nalva, tambem escreveu e publicou um curioso
*Elogio funbre de D. José Bar
bosa, clérigo regular*. Esta casa dos Pe
nalvas foi, como a dos condes da Erice
ira, uma familia celebre na litteratura.
O 3.^o marquez de Penalva e 7.^o conde
de Tarouca, D. Fernando Telles da Sil
va Caminha e Menezes, escreveu varias
dissertações e novenas não destituídas
de merito. O seu descendente Fernando Telles da Silva
Caminha e Menezes, que foi o 4.^o marquez de Penalva
e o 19.^o conde de Tarouca, tambem foi um articulista
notavel e de merecimento. Publicou um *Elogio da vida*
da marqueza de Alegrete, sua mãe, de que só tirou 60
exemplares.

O duque de Lafões
(segundo), D. João Ca
loes de Bragança e Sou



Viscondessa de Corrêa Botelho
(D. Anna Piacido)



Visconde de Corrêa Botelho
(Camillo Castello Branco)

sa Tavares Mascarenhas da Silva e Ligne (1757), viajou muito e foi um grande espírito artístico, conhedor de boa musica. Privou bastante com Gluck, que lhe dedicou nos termos mais encomiásticos uma das suas partituras, a opera *Paris et Elena*.

Temos mencionado alguns já e citando sómente os mais ilustres teremos que mencionar uma columna de nomes. Vamos tentar no menor espaço possível dar ao leitor uma resenha succinta.

Temos o conde de Arganil, bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação, autor de valiosas dissertações; o 1.º marquez de Alorna, 1.º marquez de Castello Novo e 3.º conde de Assumar, cujo volume «Instrucção dada, etc.» foi publicado postumamente; o 2.º marquez de Alorna e 4.º conde de Assumar, D. João de Almeida Portugal, autor das celebres «Prisões da Junqueira» que tanta luz vieram trazer á historia do seu tempo; e, finalmente, o 3.º marquez de Alorna, D. Pedro de Almeida, cujo manuscrito sobre o exercito se conserva na biblioteca da respectiva escola.

O 1.º visconde de Balsemão, Luiz Pinto de Sousa Coutinho, e D. Leonor Coutinho, condessa da Vidigueira, deixaram ineditos varios trabalhos de valor.

D. José de Vasconcellos e Sousa, que foi o 1.º marquez de Bellas e 1.º conde de Pombal, traduziu do francês o «Henrique IV, Poema épico», que foi impresso em 1807; D. Fernando José de Portugal, 1.º conde e 2.º marquez de Aguiar, traduziu os «Ensaios morais de Alexandre Pope»; o 4.º visconde e 1.º barão de S. Lourenço, Francisco Bento Maria Tarquini, traduziu o «Paraíso perdido», de Milton; e o 1.º barão de Villa Nova de Fozcôa, Francisco Antonio de Campos, não só traduziu Appuleio, mas publicou um opusculo sobre se «A lingua portugueza é filha da latina».

Como se vê, os tradutores podem-se ufanar com colegas de tão alta estirpe e de tão fina linhagem. A aristocracia também neste capítulo quinhão larga parte.

D. Catharina Michaela de Sousa Cesar e Lancastre foi uma poetisa de alto valor; o 1.º barão de Villa da Praia, Francisco de Borja

Garçao Stockler, foi matemático insigne e escritor de fama, e não devemos esquecer o 1.º barão de Almeida, Francisco José de Almeida, que foi médico da real camara e escreveu um drama algegorico para ser representado no Salfite e se chamava «Paz perpetuo». Como era pequeno, toda a Lisboa o conhecia pelo diminutivo familiar de Almeidinha. José Agostinho de Macedo, o mordaz, bastantes vezes se lhe refere.

A esta já longa lista há a acrescentar os nomes, do 1.º visconde da Carreira, Luiz Antonio de Abreu e Lima; do 1.º barão da Palma, Luiz José Ribeiro; do 1.º conde de Avillez e 1.º visconde de Reguengo, Jorge de Avillez Juzarte de Sousa Tavares; do 1.º duque, 1.º marquez e 1.º conde de Saldanha, João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun; do 2.º conde da Lavradio, D. Francisco de Almeida Portugal.

Convém não esquecer o nome glorioso do 2.º visconde de Juromenha, que, segundo Innocencio, insuspeito sempre e sempre fiel intérprete da opinião publica, «é tido geralmente como um dos mais assíduos e inteligentes investigadores de nossas antiguidades». O visconde de Juromenha foi um dos que mais luz derramaram sobre a vida e obra de Camões, com os seus trabalhos.

Também o 2.º visconde de Govaria, José Freire de Serpa Pimentel, foi um trabalhador literário infatigável. A sua obra é extensíssima. Dedicou-se ao teatro e escreveu vários dramas que foram aplaudidos pelas platéias do seu tempo. A Actriz, drama em 3 actos, foi representado no teatro da Rua dos Condes e o seu drama O Almansor Ben-afan foi premiado pelo júri dramático do Porto. O 1.º visconde de Azevedo, Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca, escreveu também várias crónicas, versos e artigos. A sua ode à morte de Garrett foi transcrita em todos os jornais do Porto.

O 2.º marquez de Valfada e 2.º conde de Caparica, D. José de Menezes Silveira e Castro, foi jornalista de fama e colaborou em vários jornais políticos; o 1.º conde de Murça, D. Miguel António de Melo, e o 2.º conde de Veiros, João de Melo e Sousa da Cunha Souto Maior, foram escritores



Duquesa de Palmella

de nome, e, finalmente, o 1.^o visconde de Pindella, João Machado Pinheiro Correia de Mello, foi dramaturgo de valia. E' elle o autor do drama em 4 actos *Uma vingança*, que subiu á cena no meio de aplausos.

Litteratos foram o visconde de Gouveia, o marquez de Sousa Holstein, o visconde de Benalcânfor e o de Condeixa, os condes d'Avila, do Rio Pardo e de Samodães, o visconde de Ougnella e o conde de Seisal. Seria infundável.

O conde de Villa Franca escreveu o drama em 5 actos *D. João II*; o 1.^o visconde de Coruche foi uma autoridade em assuntos de agricultura; o marquez de Sá da Bandeira um bello escriptor de assuntos militares, de que dá provas na sua *Memo-ria sobre as fortificações de Lisboa*. O marquez de Lavradio, o barão de Castello de Paiva e o marquez de Re-sende são tambem publicistas apaixonados.

O visconde de Seabra, redactor do *Código Civil*, discutiu depois a questão do *Casamento civil* com Alexandre Herculano.

E finalmente, para de tudo haver na literatura aristocrata, o 1.^o visconde de Villarinho de S. Romão publica o seu *Tratado teórico e prático sobre a maneira de construir fô- gônes de sala económicos e salubres*.

Julio Cesar Machado, ocupando-se de Camillo Castello Branco, no *Claudio* refere-se a um dos que foram seus companheiros de bohemia. Esse companheiro era Ricardo Augusto Pereira Guimaraes, visconde de Benalcânfor. Óra ouça-se o cronista que Lisboa mais apreciou e amou no seu tempo, que saboreou, que leu com avidez:

«O seu amigo, o seu companheiro era Ricardo Guimaraes, então em toda a graça da mocidade e do es-
pírito, um dandy das letras e da moda, brillante no es-
týlo e no vestuário, folhetinista ele-
gante do *Nacional* do Porto. Andava-
ram quasi sempre juntos; alegres,
intrepidos, emprehendedores: muito
agradaveis no trato, propriamente
ameaveis, litteratos cavalheiros.»

Do visconde de Ougnella todos sabem que foi um dos mais intimos amigos de Camillo, e a quem Camillo lembra n'um soneto que lhe dedicou *Recordação dos 9 anos*:

«Nós aprendemos juntos a gramática
Do insigne e fecundíssimo Lobato.»

E não foi só amigo de infância e camarada do grande escriptor. Foi publicista illustre e muito apreciado. A sua obra *Os salões* ainda hoje é lida com agrado e os que se recordam d'elle, ainda hoje o fazem com saudade. O seu estudo sobre *Gil Vicente* tambem lhe conquistou a estima dos eruditos, de quem elle era um fervoroso apaixonado.

Mas a lista não pára aqui. Se forem para a musica encontrarão o nome do visconde de Arneiro entre os compositores celebres, um ancestro artístico do sr. João Arroyo, um mísico

a valer, ainda que infeliz tambem a valer; se buscarem a diplomacia defrutarão com o nome do visconde de Santarem, diplomata dos maiores e litterato dos bons. Quem tem um parlamentar litterato? Tem Luiz Jardim, o conde de Valbom, o visconde de Seabra, o visconde de Sot-
to-Maior, o barão de Roussado, humorista de valor, e o conde de Bretiandos. Temos

Bernardo Pindella, hoje conde de Ar-
noso, autor do livro célebre *Azulejos*, que a prosa genial, irisa e scintillante de Eça de Queiroz tão bem soube prefaciar. No jornalismo basta citar o visconde de Melicio e o visconde de S. Boaventura.

Ao barão de Roussado refere-se Camillo com elogio no *Cancioneiro alegre*. E não sabemos em que altíssima conta ter os titulados que Camillo recomenda á posteridade se considerarmos bem o quanto Camillo era inimigo dos barões e dos vis-
conde, que a sua obra tanto ridicu-
lariza, e o quanto elle era parco em elogios.

O conde de Azevedo foi outro dos grandes amigos de Camillo. Escritor distinto a ponto de Camillo dizer d'ele que «escreveu vigorosos opusclos de polemica religiosa, e prefaciou um livro meu — A Divindade de Jesus — com muita habilidade e theologia».

«Fazia versos. Traduziu aos 20 annos e publicou aos 60, no prelo de sua casa, as *Bucolicas*, de Virgilio. Escreveu a tragedia *Athreo e Thiestes*, fez odes e sonetos, epigrammas e idyllos. De tudo isto colligiu um volume que imprimiu em 70 exemplares e re-
partiu por setenta amigos. Um destes setenta vendeu o livro. O conde, tendo noticias d'essa veniaga, con-
cluiu que os seus amigos eram só 69. Depois, soube que se vendera n'um alfarrabista de Lisboa um volume das suas *Distracções Metricas*.

Indagou com o fim de reduzir os seus amigos a 68, quando soube que o exemplar havia aparecido no espolio do falecido, e por isso irresponsavel, Torres e Almeida. A sua livraria era muito rica e muito lida, enquanto o conde poude ler. Quasi cego, collectionava ainda livros raros. Já doenitíssimo, dois meses antes de morrer, expunha-me a sua perigosa molestia, e escrevia-me em conclusão: «Isto não dispensa a você de, quando bispar algum livrinho do que lhe recomendo, o ir comprando para mim: e eu, se cá descobrir al-
gum, imediatamente o participo para evitar duplicações».

O visconde de Sanches de Frias, ainda ultimamente acaba de salvar do esquecimento um valioso inedito de Faustino Xavier de Novaes — *Ignaz d'Horta*, que elle enriqueceu de valiosas notas sobre o poeta.

Um facto curioso. E' a
vulto da nossa nobreza que
devemos a exhumação do

esquecimento da obra de dois poetas notáveis. Ao conde de Sabugosa um desconhecido Auto do Gil Vicente; a Sanches de Frias um manuscrito de Faustino Xavier de Novais.

O visconde Sanches de Baena é um dos raros estudiosos a valer do nosso paiz. O arquivo da Torre do Tombo e as bibliotecas não tem segredos para ele. É o nosso primeiro genealogista. A sua erudição é tanta como a sua fidalguia, que é muita. Alto espírito e sabio ilustrado. Eis d'ele um exacto memorial.

O leitor decide-se a uma visita pela *Lisboa antiga*? Pois não tem remedio senão tomar um *cicerone*. Esse *cicerone* não pôde deixar de ser o visconde Julio de Castilho. Ninguem melhor do que elle sabe contar anedotas, citar coisas históricas, informar de datas, relembrar passados. Procure-o, leitor, que não se arrepende. Mas Julio de Castilho não é só o autor d'esse bello estudo que é a *Lisboa antiga*; Julio de Castilho é também o autor das *Memórias de Castilho*, dos *Primeiros versos*, de muitos outros inesquecidos e excellentes trabalhos, que bastam para cimentar solidamente um nome glorioso.

Hoje quem não conhece litterariamente os condes de Monsaraz, de Arnoso e de Sabugosa? O primeiro pelos seus incomparáveis livros de versos, alma de poeta, espírito de eleição, como é; Arnoso pelas suas viagens, pelos seus escritos que são sempre, n'este velho camarada de Eça, sobrios e correctos; Sabugosa pela exhumação do *Auto da Festa do Gil Vicente*, pelos seus versos, pela sua linda prosa, pelo seu bello livro o *Poco da Cintra*, por mil coisas artísticas.

Como pintores, lembraremos o visconde de Menezes, Luiz Pereira de Menezes, discípulo de Fonseca e pintor de muito valor. Em 1844 partiu para Roma onde teve por professor o alemão Overbeck. Foi vice-presidente da Sociedade Promotora de Bellas-Artes e académico de mérito. Um dos seus quadros *Rapariga italiana* — 1851 — pertence hoje ao sr. Anselmo Braamcamp Freire, outro fidalgo e artista, e havia, nas Janelas Verdes, outra tela sua intitulada *Um pastor dos Abruzzos*.

Ao marquez de Abrantes, então embaixador extraordinário de D. João V perante Clemente XI, deve Vieira Lusitano a sua viagem à Itália, base da sua educação artística e ninguém ignora o protector que das belas artes foi o conde de Carvalhido, a quem o nosso museu das Janelas Verdes deve uma boa parte dos seus quadros.

No que respeita ao bello sexo este também dá um óptimo contingente para o nosso artigo. Lembraremos o nome illustre de *Alcipe*, D. Leonor d'Almeida Portugual de Lorena e Lancastre, contemporanea de Filinto Elysio, e que foi 4.^a marquez de Alorna, 7.^a condessa de Assumar e condessa de Oeynhausen, e tão illustre poetisa que a

nossa historia fala d'ela com admiração; e a viscondessa de Balsemão (D. Catharina) que foi também poetisa muito apreciada.

Sua Magestade a Rainha D. Amélia é uma aguarelistica distinta, a duqueza de Palmella uma escultora de muito merecimento. No nosso museu das Janelas Verdes ha obras suas e um seu trabalho (Busto-bronze) exposto no Gremio na exposição de 1901 rendeu-lhe da parte de toda a imprensa e critica os mais calorosos elogios.

Entre as visoradoras convém não esquecer o nome glorioso da viscondessa de Corrêa Botelho, D. Anna Piacido, mulher de Camillo e autora de um livro notável, *Luz coada por ferros*. Ela foi a mais desvelada companheira do grande escritor.

Ultimamente, ainda a sr.^a marquez de Pomares publicou um bello livro intitulado *Os pobres e os ricos*, cujo producito é destinado a obras pias.

Entre as pintoras, destacaremos os nomes da sr.^a condessa do Alto Meirim, cujos trabalhos lhe valeram já diversas menções honrosas no nosso Gremio Artístico e da Société des Amis et des Arts de Seine-et-Oise (Versailles); viscondessa do Sistello, discípula de Malhoa e de J. J. Rousseau, premiada também com diferentes medalhas no Gremio Artístico; viscondessa do Prado, discípula de A. Vieira de Melo, aguarelista distinta; de Natalia Muñoz, filha da condessa de Taboeria; e da viscondessa do Arneiro, uma pastelista também bastante notável.

E para terminar não nos iremos sem citar o nome do sr. conde de Azevedo e Silva cuja opera *A Morte de Morpheu* com tanto sucesso e tanto entusiasmo acaba de ser representada em Anvers, e sem recordar o nome illustre da sr.^a condessa de Proença-a-Velha. O seu nome é já na nossa Arte bastante importante para ser esquecido. O seu salão foi um cenaculo. Ali se reuniu tudo quanto de mais intellectual tem as nossas letras sem distinção de edades. Ah! Se é nobreza ter pergaminhos, também nobreza é dar à patria um nome glorioso. Todos os nomes citados souberam-na bem honrar. E estes nomes são tanto mais para distinguir se considerarmos na resposta

que Sousa Martins, com a acidez do seu genio, deu um dia a um visconde qualquer:

«Olhe, senhor visconde, qualquer pode ser agora medico; só é necessário estudar.» E a mesma phrase modificada: litteratos, escultores, músicos, pintores, libretistas, artistas, enfim, só o podem ser aquelles que tenham nascido fadados para uma vida tão bella e ao mesmo tempo tão amarga, tão brilhante, mas quantas vezes mortificada!...»



Visconde de Benalcantor



«Interior do Minho». Quadro de D. Natalia Muñoz

A. F. S.



Dante da estatua de Affonso de Albuquerque

O EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA BRAZILEIRA EM LISBOA

SEIS HORAS NA NOSSA CAPITAL



O desembarque do Aragou



O ex-presidente do Brasil com suas filhas, e seu filho o sr. dr. José Rodrigues Alves, secretario da Legação do Brasil na Hollanda



certo um raio de sol. A melhoria do dia já não aproveitou, infelizmente, ao nosso illustre hospede, a quem, nas seis horas que esteve em terra, só pudemos apresentar uma cidade que a invernia de maio prejudicou nas suas melhores vantagens. Na volta por Portugal, como a estada será mais longa, conforme a promessa amavel do dr. Rodrigues Alves, não lhe faltará ensejo, porém, de ver melhor o que na nossa capital deve interessar o seu espirito intelligente e culto, não só na sua qualidade de estadista de uma nação amiga, mas

No Terreiro do Paço: trocando impressões.— A' sahida do museu dos coches reaes — Sahindo dos Jeronymos — Combinando o itinerario — No elevador de St.^a Justa.

dade. Em automovel, o ex-presidente percorreu tambem uma parte mais importante da cidade, e depois de ter abrangido a sua vista no conjunto da plataforma superior do ascensor de Santa Justa, foi passear tambem pelas novas avenidas de Lisboa. No momento em que o Rio de Janeiro se transforma notavelmente, decreto interessou a sua attenção o espetáculo dos bairros recem-abertos da cidade, que se espraiava cada vez mais para fora da sua antiga area, apopletica de gente que se trasborda do recinto antigo, anciosa por modernizar-se, tornar-se por sua vez a cidadade nova, concorrente da urbe moderna.

Da Lisboa monumental antiga viu tambem o dr. Rodrigues Alves o seu melhor braço: a estatua equestre do Terreiro do Paço, agora mais um ou outro detalhe que o seu passeio atravez da cidade lhe deixaria entrever.



tambem na sua qualidade de quasi compatriota. O antigo presidente da republica brasileira é, efectivamente, filho de um portuguez natural de uma das mais lindas villas do nosso residente Minho, e foi, mesmo, com uma commoção enternecida que elle se referiu a Ponte de Lima — que é essa villa graciosa, — quando recebeu, com affectiva surpresa, os cumprimentos da sua camara municipal.

Apesar do tempo agreste e escasso, a manhã foi, em todo o caso, aproveitada para fazer ver, ao illustre visitante que recebiamos, o que foi possivel das coisas interessantes de Lisboa; e, de entre essas, algumas como os Jeronymos e o rico museu dos coches reaes, por exemplo, não deixaram de prender a sua attenção e curiosi-



Na rua do Oiro — Na volta da Avenida — Defronte do monumento dos Restauradores, na Avenida da Liberdade — No Posto de Desinfecção: o regresso a bordo
(Clichés de Benoit)

BAPTISADO REAL

O HERDEIRO DO THRONO DE HESPAÑA



O sr. infante D. Affonso, representante do rei de Portugal, e o rei Affonso XIII passeando em Madrid



O duque de Tovar e damas e fidalgos da corte que assistiram ao baptisado do herdeiro de Hespanha

(CLICHÉS DE GOÑI, MADRID)

FATAÚCOS DA CASA DA PALHA BARBEIRO DEDICAÇÕES

Há amigos dos diabos.
Certos tipos que nos vêem
doentes e nos *tranquillissim*:

— Veja lá... Isso é sério... Tome cuidado... O Simões morreu com uma coisa assim... Tinha esses symptoms; tal e qual... Trate-se, trate-se...

Outros dão provas da sua amizade desejando-nos semsaborias, desgraças, fatalidades:

— Eu só queria que te ardesse a casa, ou partisses uma perna, ou que perdesses uma data de massa que te fizesse muita falta!...

— Oh! menino,
peço ao amor de Deus...

— Calla-te, meu tolo! Não percebes que era para te mostrar a minha dedicação, a estima que tenho por ti?... Na adversidade é que se conhecem os verdadeiros amigos!...

Com o dr. F..., ao tempo estudante em Coimbra, passou-se o seguinte caso, que parece inventado.

O barbeiro Fataúcos, da casa da Palha, costumava vir fazer-lhe a barba. L'uma vez faltou á hora habitual e só apareceu muito depois.

— Vim mais tarde um bocadinho porque tive de fazer a barba ao padre Coelho. Estive, coitadinho. Tinha os seus dias acabados... Por isso é que me demorei... Peço desculpa a vosselencia...

— Fez a barba a um morto! Homem, isso é azar... E você havou bem essas mãos?

— Ora essa!
Estão muito lavadinhas... Podem-se lamber...

— Bem, vamos lá á barba. Então de que morreu o padre?

— Foi de lesão, coitadinho, disse o Fataúcos passando a navalha no assentador. Hontem, já elle estava muito mal. Eu ia vél-o todos os dias... Apesar de padreca, era amigo d'elle... Sempre me deu confiança, coitadinho, e era meu freguez ha quinze annos... Hoje, de manhã, encontrei na escada o sr. dr. João Jacintho e perguntei-lhe: — «Então, o nosso homem?» — O sr. dr. João Jacintho torceu o nariz e disse-me assim: — «Hum, não dura muito...» — Vae eu subi, e entrei a quarto. O padre Coelho, coitadinho, parecia um comboio... Era uma farfalheira n'aquelle maniquismo do interior!... Mal me viu, acenou com a mão:

— Olá, mestre Fataúcos...

— Viva, sr. pa-

die Coelho! — respondi eu logo.

— Isto está por pouco, amigo...

— Sim... sim... também me parece... E olhe, o sr. dr. João Jacintho diz o mesmo!

— Ah! elle disse?

— Disse, sim, senhor. E elle não é homem que se engane! Tem muita experiência... tem visto muito. Em dizendo que se morre, adeus minhas encomendas!

— Então, elle disse...

— Disse, disse-me agora mesmo na escada... ia eu a subir. Até torceu o nariz...

A Anna bexigosa



«Ora essa! estão muito lavadinhas...»



O padre esteve um bocadinho assim a olhar para mim e, depois, pediu-me:

— Mestre Fataúcos, vae fazer-me um favor. Ahi na gaveta da commoda, n'essa de cima, estão 25 libras. Abra e procure.

— Cá estão, sr. padre Coelho...

— Bem. Vomecê hade levar cinco libras á Anna Bexigosa, que sempre me tratou com carinho...

Guarda duas para si, e as dezoito que ficam são para o meu enterro...

— Dezoito libras, sr. padre Coelho!... Vomecê está maluco!... Então, gastam-se lá 18 libras no seu enterro?...

— Gastam... gastam...

— Qual gastam!... Nem *âmedate*! Olhe, os padres vão de graça... São collegas! Pintor para pintor não leva nada. Coval, céra... Ahi com tres mil réis, faz vomecê a festa! Vomecê quer mais de seis tochas? Está visto que não... Seis tochas chegam... O carro é que puxa mais do peito... Mas, se vomecê quizer, eu vou fallar ao Soares dos carros...

— Você vae fallar-lhe?...

— E' p'ra já, sr. padre Coelho... Elle é seu amigo, — que

res. Mas peça-lhe aquelle carro melhor, o dos anjos dobrados... sabe?... E' do que eu gosto.

— Fique descansado, sr. padre Coelho!... Von lá n'um pulo!... O Soares dos carros é cara direita... Faltei-lhe cá de certo modo que eu sei, e o homem, logo, por tudo... Voltei a casa do padre... Coitadinho, o peito fervia-lhe em afflícções... Assim que me avistou, fez-me com a mão como quem pergunta:

— «Então?» — Arranjou-se tudo, sr. padre Coelho; esteja descansado. O Soares aluga a traquiana dos anjos por vinte mil réis... Não é caro... E' por ser para vomecê... Ele até me pediu que não dissesse nada... O carro é muito catita e tem muita solidez... Em Lisboa, não ha melhor!...

O padre Coelho, coitadinho, apertou-me a mão d'encontro ao coração, pediu para lhe pagar o funeral e para o vestir decentemente... e o que sobrassé das 18 libras que ficava para mim, já se vê... Assisti-lhe à agonia, coitadinho... Inda durou, mesmo assim, até ás ave-marias... Vesti-o todo de lavado,

«O Soares dos carros é cara direita...»

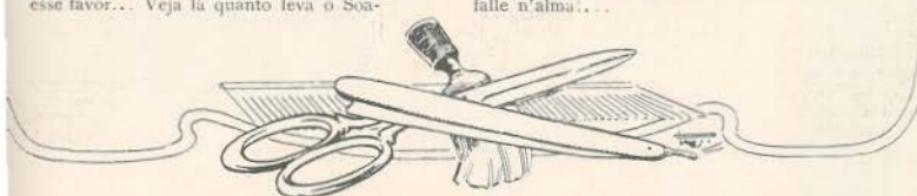


... «O sr. dr. João Jacintho diz o mesmo...»

diabo! — sempre hade fazer um abatimento-sítio...

— Pois então vá, mestre Fataúcos. Faça-me esse favor... Veja lá quanto leva o So-

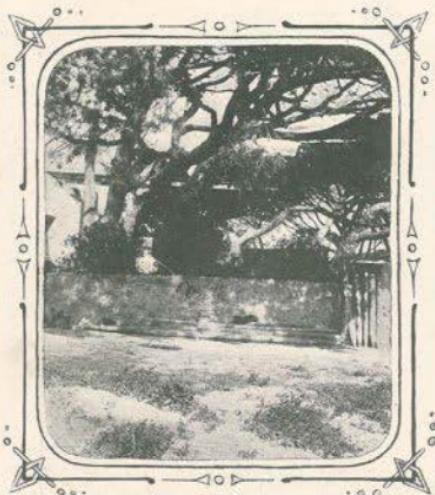
barbeei-o muito bem, coitadinho, tudo como elle mandou... Agora está lá a casa cheia de padralhada... Era um bom homem. Deus lhe falle n'alma!...



A MILHA OFICIAL NO PORTO DE LISBOA

O artigo que segue versa um assunto de alto interesse científico, e a atenção dos nossos leitores será decerto aumentada sabendo que o seu autor é o distinto engenheiro hydrographo que foi o secretario relator, encarregado dos trabalhos de campo e de gabinete, da comissão nomeada pela Direcção Geral da Marinha para estudar a questão, e que, além do nosso ilustre colaborador, era composta mais dos officiaes da armada Polycarpo de Azevedo e José A. de Miranda, este já falecido.

O estabelecimento d'uma base de tres milhas (extensão da nova milha oficial) tornava-se de ha muito necessaria, attentos os progressos por que tem passado, n'estes ultimos tempos, a arte naval, oferecendo-nos varios colossos sob o ponto de vista de marcha.



Arialva — A batisa collocada horisontalmente

Apesar de Portugal não marchar na vanguarda das nações que mais de perto tem cooperado para o fomento da marinha, tem ainda assim exhibido, ao presente, um certo desenvolvimento no que diz respeito às construções navaes.

A antiga base da milha oficial (1:851^m,8), cujos limites de través eram produzidos pelos alinhamentos dados pelas marcas situadas na Banatica e Portinho da Arrabida (margem sul do Tejo), além de não apresentar o rigor nos resultados que actual-



Arialva — A balisa já verticalizada

mente requer a determinação da velocidade dos modernos navios, também não seguia uma direcção paralela á resultante das correntes, o que fazia, sem duvida, desgovernar os navios.

E' certo que o regimen hydrodynamico do rio não está perfeitamente estudado; todavia os escassos trabalhos, a que recentemente se tem procedido, nos fazem peremptoriamente presuppor que, na vazante, as aguas vindas do portal de Cacilhas combinadas com as de montante do braço principal do Tejo dirigem-se em direcção á Rocha do Conde d'Obidos, cortando por consequencia obliquamente a base da antiga milha.



Arialva — A balisa encostada ao muro que lhe fica contiguo

Outras vantagens são conferidas pela nova milha, d'entre as quais avultam as seguintes: a de existir um enfiamento dado por duas balisas, de sorte a



Arialva—Outra posição da balisa

obstar que o navio, na medida da velocidade, deixe de andar constantemente segundo a mesma linha; a de o navio navegar em maiores profundidades, o que é importante para a precisão no valor da marcha; e, por último, a de ter um campo mais amplo e desembaraçado de embarcações miudas, no qual, ao passo que se pode navegar mais livremente, há também maior espaço para os grandes navios fazerem as suas rotações junto da propria base, o que não sucedia na antiga milha em que os navios de maior tonelagem seguiam até à Cova da Piedade, quando vinham para Este, e até à baía de Paço d'Arcos navegando com o rumo Oeste.

O alinhamento preferido poderia, à primeira vista, suscitar dúvidas na primazia dada, se considerarmos que elle é orientado, aproximadamente, segundo o enfiamento utilizado na navegação do rio pelos navios que largam ou demandam fundeadouro; mas tal objecção deixa de subsistir logo que um balão ou qualquer outro sinal içado em qualquer parte alta do navio indique que este procede à determinação da velocidade. Este alívio está de ha muito regulamentado em varios portos marítimos.

E n'este sentido a capitania do porto de Lisboa determinou o seguinte: «*Que a navegação de entrada e saída do Tejo e a fluvial tem por dever deixar o caminho livre aos navios que trouxerem o referido balão, tornando os individuos, que dirigirem essa navegação, responsáveis pela inobservância d'esta disposição.*»

A instalação da nova milha compõe-se de:

Dois balises cujo enfiamento dá o rumo que os navios devem seguir na medida da milha (86° NO. ou SE., conforme o sentido em que se estiver percorrendo a base);

É quatro balises, sendo duas (as da antiga milha) que determinam actualmente o alinhamento de tra-

vez de Leste, e duas outras que produzem o alinhamento de travez de Oeste.

As *balises*, que dão o enfiamento para o rumo que o navio tem a seguir, são:

1.* A torre da igreja de S. Paulo de Almada, situada n'uma grande elevação, na margem Sul do Tejo e a juzante do pharol de Cacilhas;

2.* Uma balisa, situada n'um ponto sobranceiro ao logarejo da Arialva, formada por duas vigas, ligadas em cima por uma chapa que termina superiormente em forma de triângulo, com o vértice para cima e tendo de altura c'rra de $11^{\prime\prime},75$. Está pintada de branco tendo ao meio uma faixa preta da largura de $0^{\prime\prime},50$ approximadamente (fig. 5).

As fig.* 1, 2, 3 e 4 representam a forma arriscada por que se teve de efectuar o levantamento d'esta balisa.

As *balises*, que pelo seu enfiamento definem os extremos da base, isto é, as que produzem os enfiamentos de travez, são:

Para o enfiamento de Este ou de montante:

1.* Uma balisa de cantaria com a forma de pyramide quadrangular collocada na margem Sul do rio e a pequena distancia do logar denominado Banatica;

2.* Uma balisa de alvenaria, situada ao Sul da anterior e tendo ao centro uma faixa vertical preta em todo o seu comprimento.

Estas *balises* eram as que determinavam o enfiamento de travez Oeste da antiga milha.

Para o enfiamento de Oeste ou de juzante:

1.* Uma balisa collocada no areal da Trafaria, proximo do Bico da Calha, composta de duas vigas, ligadas em cima por una chapa que termina superiormente em forma de triângulo, com o vértice para cima e tendo de altura $7^{\prime\prime},50$ (approximadamente). E' pintada de cinzento escuro (fig. 6).



Arialva—A balisa já com a maioria dos apparehos

2.* Uma balisa situada no areal da Trafaria, junto do Bico da Calha e ao Sul da anterior. E' formada por duas vigas, ligadas por uma chapa rectangular

e em cujos lados horizontaes assentam dois triangulos com os vertices em direcções oppostas. A altura d'esta balisa é de cerca de 13^m.50 e apparece a cor do cinzento escuro, tendo ao meio uma faixa branca da largura de 1^m.40 (fig. 7).



Trafaria—A balisa sul

é certo que o regimen das aguas, quer ao longo do littoral quer no interior das bacias hydrographicas, se não pôde deduzir das concepções philosophicas

ou dos principios que a theoria nos revela, é tambem certo que mais necessario se torna que esse es-tudo seja feito com a maxima precisão e conscientia



Trafaria—Balisa norte

para que não deixe no espirito publico o menor vislumbre de duvida.

E' este o nosso parecer sobre a forma por que os estudos d'esta ordem devem ser feitos; e só assim, segundo julgamos, elles serão praticos e d'alto valor.

Ha a notar que a installação d'uma milha rigorosa n'un porto, onde se armam navios, tem tambem o objectivo importantissimo de ministrar com facilidade e precisão uma das características mais capitais do navio que é: a da velocidade, decidindo muitas vezes em ultima instância o modo por que foram cumpridas as condições estipuladas nos contratos previamente celebrados com as casas construtoras encarregadas do fabrico das machinas e caldeiras.

Se o porto de Lisboa já contém este melhoramento, ainda carece de muitos outros, tais como: o da mudança do signal horario para a margem Sul, o de produzir-se quotididianamente mais d'uma queda do balão para que os paquetes, que tem de estadiar apenas algumas horas, possam regular os seus cronometros, o de estudar o regimen hydrodynamicico, etc.

A. RAMOS DA COSTA.

NOTA — Tratando d'este assumpto parece-nos opportuno mostrar que a fórmula mais conveniente a empregar na introdução da velocidade dos navios (medindo a milha) quando haja corrente apreciável é a seguinte:

$$\frac{2 \cdot t \cdot t'}{t + t'}$$

e não a media arithmetica $\frac{t + t'}{2}$ representando t e t' respectivamente os intervallos de tempo obs. rvados marchando o navio a favor e contra a corrente.

A FERRO E FOGO!

O comicio da Avenida D. Amelia



Dr. Theophilo Braga: «A pátria está em perigo» — Dr. Bernardino Machado: «Que força tem a ditadura perante a opinião pública?» — A aprovação da moção — Combinações para manter a ordem — O cordão policial



Dr. Manuel d'Arriaga: «É necessário haver franqueza e coragem.» — Dr. Antonio José d'Almeida: «Nada ha a esperar d'ellos.»
— Uma ovacão — No fim do comício: Esperando que o povo disperse — No largo do Leão: Para a esquadra!



Dr. João de Menezes: «Não bastou expulsar dois deputados republicanos; era preciso expulsá-los a todos.» — O sr. Sá Pereira: «Ninguém tem o direito de atraíçoe a constituição.» — O auditório em frente da tribuna dos oradores — Dr. Brito Camacho: «O próprio presidente do conselho, se estivesse aqui, devia aprovar a minha moção.» — O sr. João Chagas lendo a carta do dr. Affonso Costa



A' saída do comício. Aspecto da Avenida D. Amélia

(Clichés de Renouillet)

A NOSSA TERRA

O PENEDO de S. João, de que publicamos uma curiosa reprodução photographica, é um dos blocos mais notáveis existentes no paiz. Fica este gigantesco penedo situado sobre um monte bastante elevado, na base do qual assentam as Caldas de Aregos, e o seu enorme tamanho faz com que se aviste de diversos pontos da linha ferrea do Douro e ainda de alturas muito distantes, entre as quaes a do Alto Marão.

Cremos que a formidável pedra ainda não foi representada pela estampa até hoje, e não nos consta tambem que em qualquer parte se tenha escrito a seu respeito, sob o ponto de vista archeologico ou prehistoricico.

Apresentamola, porém, como uma interessante curiosidade natural do paiz, que é me-



Penedo de S. João

recidamente admirada por quantos visitam a afamada estação de banhos do distrito de Vizeu ou de longe o avisam, na sua gloriosa imponencia.

E a propósito ocorre dizer que é realmente pena ser a nossa terra tão escassamente conhecida de nós todos. Por todo esse paiz fóra, em todas as nossas províncias, ha variados trechos de encantadora paisagem, abundância de curiosidades naturaes e ethnographicas, e apesar disso quasi ninguem se preocupa com a idéa de vêr o que ha em casa, ao passo que a ambição de uma viagem ao estrangeiro, a Paris principalmente, constitue o grande sonho absorvente da maioria da nossa gente. Ora, antes de passar as fronteiras, devíamos viajar um pouco cá dentro, e só depois ir então comparar lá fóra.



Excursão dos alunos do lyceu de S. Domingos à fabrica de papel do Prado, em Thomar. Ao centro, o reitor, sr. dr. Ruy Telles Palhinha, tendo à direita o professor sr. dr. Eugenio Pacheco e à esquerda o professor sr. Vieira Guimarães

(Cliché do photographo amador sr. Julio Schultz)



VIDA MILITAR

VISITA D'EL-REI AO QUARTEL DE LANCEIROS 2



S. M. El-Rei e o sr. ministro da guerra—O commandante do esquadrão que executou os exercícios—Em continencia a El-Rei
—El-Rei e a oficialidade do regimento—Um esquadrão de cavallaria em evoluções na parada do quartel.

(Clichés de Benoliel)



1.º piano: R. Novaes (Marquez de Montefiore), A. Botelho (D. Carlos II), V. Silva (D. Cesar de Bazan), B. Mamede (D. Jose de Cordova), Sá Carneiro (Marquez de Montefiore)

2.º piano: Nos extremos: J. e L. Bebião, que realizaram o assalto de egrima; os demás da esquerda para a direita: R. Lisboa (Alcalde), M. de Aguiar (Perez), A. Cabral (um fidalgio), Mello d'Azevedo (Maritana), J. Santos (presidente da commissão), Mario Duarte (enviador), F. Ferreira (ponto), A. Bensimon (um fidalgio), R. Carvalho (uma dama)

(Cliché da Photographia Vasques)

LUCTUOSA



MONUMENTO A SOUSA MARTINS, JUNTO DO SANTORIO (HOMENAGEM DE DOIS DOENTES SEUS)—Poucos homens tecão feito, na verdade, uma tão opulenta



Almirante Lopes d'Andrade, presidente de conselho geral da armada falecido no dia 20 de maio

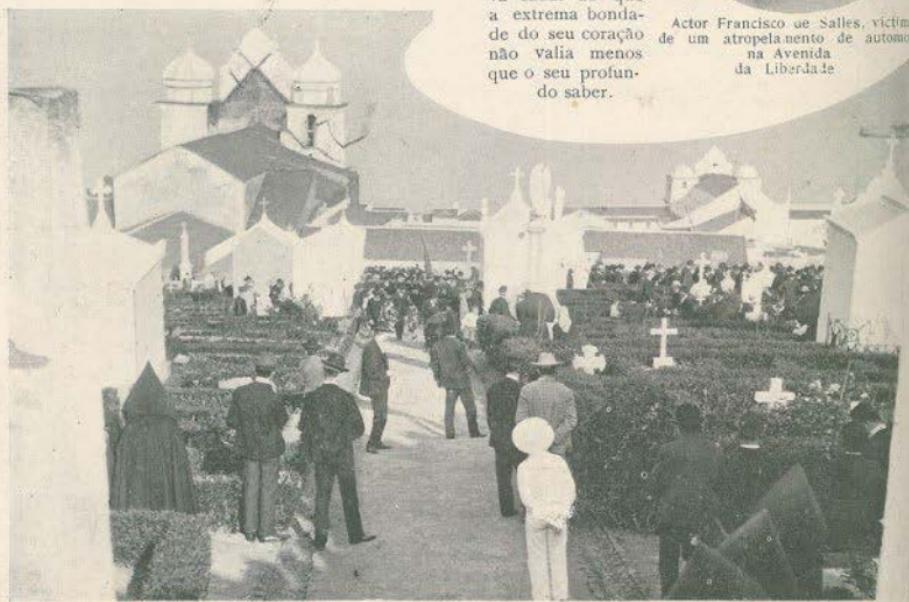


Conselheiro Telles dos Vasconcellos, ministro de estado honorário, falecido no dia 13 de maio

sementeira de gratidão na vida, como a que realizou Souza Martins.

Todos os dias as manifestações excepcionais de saudade e de homenagem à sua memória, partindo de ricos e de humildes, são a prova cabal de que a extrema bondade do seu coração não valia menos que o seu profundo saber.

Actor Francisco de Salles, vítima de um atropelamento de automóvel na Avenida da Liberdade



O primeiro de maio na ilha do Faial—O cortejo da Associação de Socorros Mutuos visitando as sepulturas dos socios falecidos, no cemiterio da Horta
(Cliché de J. Silveira Fialho da Horta)

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luxo artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 reis, broches a 800 reis, brincos a 15000 reis o par. Lindos colares de perolas a 15000 reis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

A seda suissa

É A MELHOR

Pecam as amostras das nossas sedas, novidades da primavera e do verão para vestidos e blusas:

Echizen, taffetas de lustro, Louise, pano de seda, Mousseline, 12 cm. de largura de 1 m. fr. 1,25 m. metro, em preto, branco, liso e phantasia, assim como blusas e vestidos em batiste bordado.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas directamente aos particulares e fármaco de porte ou domicílio.

Schweizer & C.º

LUCERNE Z. 20 (SUÍSSA)

Exportação de sedas



UNION MARITIME E MANNHEIN

Companhia de seguros postais, marítimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union e el Fenix Espanhol, rua da Prata, 59, 1.º, efectua seguros sobre a vida mediante várias condições, inclusivamente o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessário certificado médico.

Directores em Lisboa:

LIMA MAYER & C.º

RUA DA PRATA, 59, 1.º—Lisboa

NESTLE

FARINHA LACTEA

36 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

Bicyclettes,

MACHINAS FALLANTES E DISCOS DE MARCA SIMPLEX, o melhor que há e por preços sem competência.

Bicyclettes das celebres marcas "IMPLEX, B. S. A., ALLRIGHT, LINON e IMPERIAL". Accessórios para bicyclettes e motoclyclettes. Grande depósito das melhores machinhas fallantes e dos celebres discos de marca SIMPLEX, os melhores que há. Tudo novidades. Variadíssimo repertório de música e canto das maiores celebridades artísticas. Preços excepcionais para a África, Brasil e colônias. Pedir catálogos de bicyclettes, machinhas fallantes e discos a J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48, e Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon

PARFUM
VIOLET
29, 8 des Italiens, PARIS

PRINCIA

X COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

COMPANHIA DE PAPÉL DO PRADO
SOCIÉTÉ ANONYME DE RESPONSABILITÉ LIMITÉE

Proprietária das fábricas do Prado, Mariana, e Sobredouro (Tomar), Penedo e Casal d'Herminio (Lousã), Valde Abraos (Albergaria a Velha).

Instaladas para uma produção anual de cinco milhões de kiles de papel e dispondo dos mais perfeitos apetrechos para a sua indústria.

Tem em depósito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho.

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de máquina continua ou redonda e de forma.

Lisboa — 270, Rua da Princesa, 276

Porto — 49, Rua de Passos Manuel, 51

ENDEREÇOS TELEFÓNICOS: Lisboa, Companhia Prado
Prado — Porto — Lisboa — NÚMERO TELEFÔNICO: 308

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado e o presente e prezou o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que faz das ciências, chiromancias, pitomologia e physionomia e velas aplicações práticas das teorias de Galt, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenligney. Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e América, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Império e todos os acontecimentos que se lhe seguiriam. Fala português, francês, inglês, alemão, italiano e espanhol.

Da consultas diárias das 9 da manhã às 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 15000, 25000 e 35000 reis.

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

RUA DO OURO

CASA MIMOSO

RUA DO OURO

CASA MIMOSO

RUA DO OURO

CASA MIMOSO

RUA DO OURO



FINISSIMOS PANAMÁS

em todas as medidas, para homens e senhoras, a **7\$500 RÉIS**

EXPEDIÇÃO GRATIS MESMO PELO CORREIO

MIMOSO — RUA DO OURO

RUA DO OURO

CASA MIMOSO

RUA DO OURO